

(IN)SEGURANÇA DE DADOS

Ataque cibernético aos sistemas da USP expõe problemas estruturais e causa transtorno à comunidade **p.8 e 9**

ENTREVISTA: LORENA BARBERIA

5 anos da pandemia

USP não se preparou para a próxima crise, diz especialista **p.4**

CIÊNCIA

Alimentar saguis no bandejão prejudica estudos do ICB **p.13**

ESPORTES

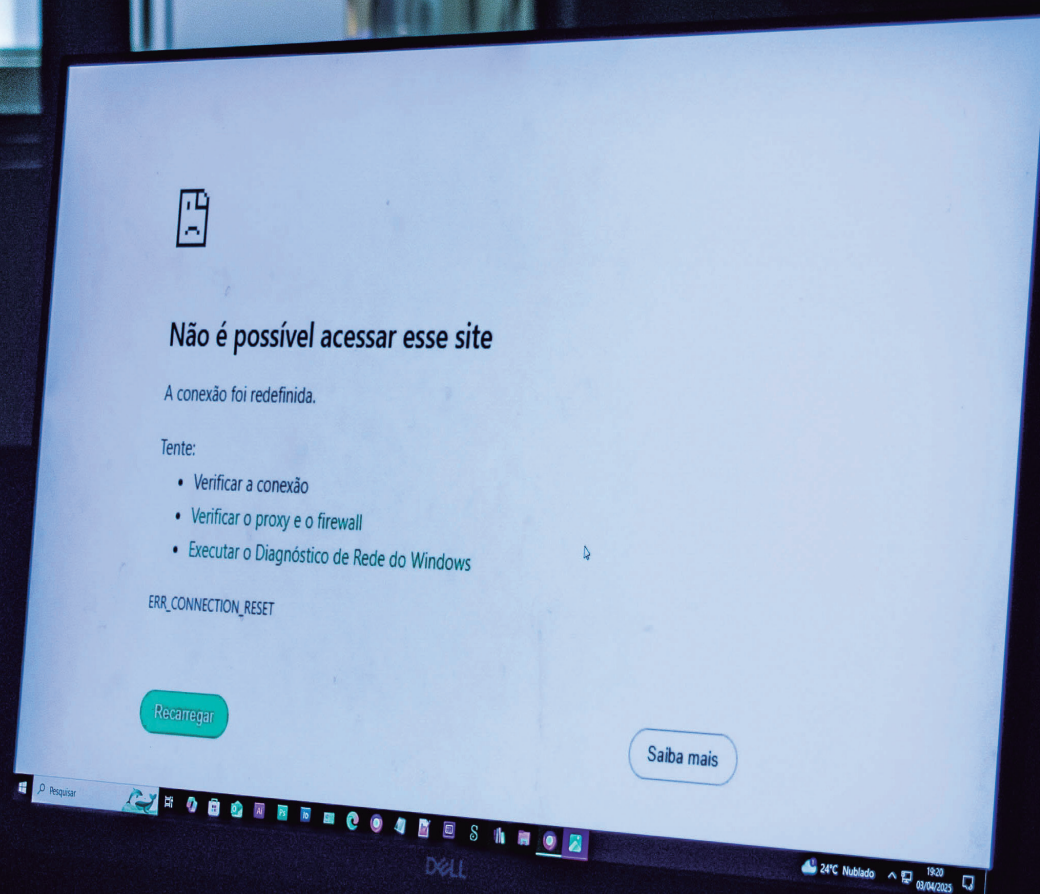
Socorro demorado preocupa atletas no CEPEUSP **p.14**

UNIVERSIDADE

Com abusos em evidência, USP incentiva denúncias **p.6 e 7**

CULTURA

Universitários levam ritmo às escolas de samba **p.11**



Por que o JC é feito por jornalistas e não por Inteligência Artificial?



Cada vez mais, jovens deixam de desejar um diploma, seduzidos por uma lógica capitalista e neoliberal de trabalho, na qual o ideal é ser empreendedor de si mesmo. Uma câmera e uma ideia, hoje, alcançam mais pessoas do que um jornal feito por dezenas — talvez centenas — de cabeças. Então por que ainda cursar jornalismo? Por que não entregar o ofício a uma inteligência artificial treinada para tal?

Longe do romantismo de outrora, o jornalista passou a ser visto como arrogante, egocêntrico, defensor de visões de mundo distantes da realidade. Não é raro que se escreva para que outros jornalistas comentem, elogiem e admirem. Há um desejo de demonstrar erudição, de impressionar os pares. Mas é esse o verdadeiro papel do jornalista?

EDITORIAL

Quando a falha é sistêmica, o que nos mantém conectados?

HUMOR

YASMIN ANDRADE



Nas últimas semanas, a comunidade da USP viveu na prática a evidente mas inoportuna vulnerabilidade virtual na universidade. A série de ataques cibernéticos derrubou sistemas, travou rotinas, desorganizou o cotidiano e escancarou uma estrutura digital fragilizada — além de uma resposta institucional lenta, confusa e, frequentemente, sem transparência.

A realidade é que, quando o suporte falha, quem segura as pontas é o estudante, o servidor, o docente — improvisamos soluções, nos apoiamos mutuamente e tentamos manter o mínimo de funcionamento no caos.

Nas salas superlotadas, nos laboratórios precários, nas infiltrações que se repetem, nas vivências sem acessibilidade, nos equipamentos quebrados do CEPEUSP, mora uma confirmação: a manutenção da universidade deixa muito a desejar. Quem circula pelo campus vê isso todos os dias. Problemas como esses estão nesta edição do *Jornal do Campus*.

É exasperador ver a maior universidade pública do país funcionar à base de remendos. Porque, enquanto se investe em propaganda, em selos sustentáveis e em discursos de excelência, a base segue rachada.

Queremos sustentabilidade. Queremos inovação, tecnologia, futuro. Mas queremos o básico funcionando: redes seguras, prédios com boa infraestrutura, espaços onde possamos existir com dignidade. Isso não é luxo. É o mínimo.

A administração pública pode exigir os processos mais lentos, mas normalizar o descaso não é uma opção. A USP avançaria se escutasse sua comunidade e trabalhasse em conjunto para superar as dificuldades. É hora de parar de fingir que está tudo bem.

Assumo, honrada, a função de ombudsman deste jornal com o propósito de propor um deslocamento. Trazer uma perspectiva decolonial ao debate, convidar quem nos lê — e quem aqui escreve — a desmontar o olhar viciado que carregamos, vezes por hábito, vezes por imitação. Se nossa profissão ainda faz sentido, é porque somos capazes de escutar, de ter empatia e de criar conexões com a nossa comunidade. Jornalismo é escuta. É serviço público. É compromisso.

Este jornal está, hoje, distante da comunidade. Temos matérias sobre pessoas afetadas pela precarização do trabalho — terceirizações, desregulações, a malfadada escala 6x1 — mas onde estão as vozes de quem sofre isso na pele? Se queremos criar conexão, por que não ouvir profundamente os precarizados? Eles não são capazes de elaborar sobre o próprio sentir, sobre o próprio sofrimento? Essa recusa não é também elitista e classista? Por que ainda é precisa uma autoridade de um homem branco, com diploma universitário, para validar isso?

Olhem para as fontes! Quem está sendo ouvido, ouvida? De que classe social? Qual a cor dessas pessoas? Quando pessoas negras são escutadas? Para quais temas? A escuta atenta é função essencial do jornalista — e é também o que escapa a qualquer IA do mundo: a percepção humana das desigualdades sociais e epistêmicas.

À turma que assume este projeto: olhem com cuidado e carinho para as pessoas que chamamos de “fontes”. Chega de ouvir os mesmos figurões carimbados da USP. Atentem-se à repetição de quem fala neste jornal. O que a comunidade quer saber? Torçam e retorçam a pauta e entendam: ela é viva. Não percam os vários ganchos que uma construção narrativa traz. Parem de olhar para cima. Pensem com os de baixo, com quem sofre, resiste e constrói o mundo.

Ser ombudsman neste espaço é um desafio que aceitei empolgada. Se, nestas poucas linhas, eu conseguir contribuir para que a comunidade acadêmica se sinta um pouco mais representada neste jornal, já terá valido a pena. Não se preocupem agora em demonstrar conhecimento, números, dados... Hoje, o jornalismo está dando um passo atrás para perguntar: como nos reconectar e criar um senso maior de comunidade com os leitores? Se conseguirem fazê-lo, será o melhor que poderão levar da experiência do fazer jornalístico neste jornal acadêmico.

***Vanessa Martina-Silva é diretora de redação na revista Diálogos do Sul, analista política no Opera Mundi**

JC Online



JORNAL DO CAMPUS

Universidade de São Paulo – Reitor: Carlos Gilberto Carlotti Junior. **Vice-Reitora:** Maria Arminda do Nascimento Arruda. **Escola de Comunicações e Artes – Diretora:** Maria Clotilde Perez Rodrigues. **Vice-Diretor:** Mario Videira Rodrigues Junior. **Departamento de Jornalismo e Editoração – Chefe:** Wagner Souza e Silva. **Chefe Suplente:** Vitor Souza Lima Blotta. **Jornal do Campus – Professores responsáveis:** Alan Angeluci, Luciano Guimarães, Rodrigo Ratier e Wagner Souza e Silva. **Redação – Secretário de Redação:** Alex Amaral. **Editoria de Arte – Editora:** Yasmin Andrade. **Arte:** Alex Amaral, Diego Coppio, Giovanna Bergamaschi, Júlio Silva, Júlia Martins, Pedro Malta. **Editoria de Fotografia – Editora:** Yasmin Andrade. **Fotógrafos:** Bernardo Carabolante, Bruna Correia, Davi Caldas, Filipe Moraes, Gabriela Barbosa, Gabriela Cecchin, Júlia Teixeira, Otávio Augusto Aguiar, Pedro Malta. **Editoria Online e Redes Sociais – Editores:** Bernardo Carabolante, Davi Caldas, Felipe Bueno, Júlia Teixeira, José Adryan, Luíse Silva. **Opinião – Editores:** Jean Silva, Marina Galesso. **Repórteres:** Sophia Vieira. **Entrevista – Editores:** Jean Silva, Marina Galesso. **Repórter:** Jean Silva, Giovanna Castro. **Universidade – Editoras:** Bruna Correia, Giovanna Castro. **Repórteres:** Bernardo Carabolante, Diego Coppio, Jenny Perossi, Leonardo Carmo, Natália, Tainá Rodrigues, Yasmin Brussulo, Yasmin Teixeira. **Em Pauta – Editora:** Jenny Perossi. **Repórter:** Jenny Perossi. **Cultura – Editora:** Gabriela Barbosa. **Repórteres:** Bernardo Carabolante, Davi Caldas, Filipe Moraes, Júlia Queiroz, Isabel Teixeira. **Esporte – Editora:** Natália Tiemi. **Repórteres:** Diego Coppio, Felipe Bueno, Giovanna Bergamaschi, Guilherme Ribeiro, Júlia Teixeira. **Ciência – Editora:** Gabriela Cecchin. **Repórteres:** Filipe Moraes, Júlia Martins, Júlio Silva, Tatiana Couto. **Endereço:** Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 433, prédio 2, sala 19, Cidade Universitária, São Paulo, SP, CEP 05508-020. Telefone: (11) 3091-4211. **Impressão:** Gráfica Jocene. O *Jornal do Campus* é produzido pelos alunos do 6º semestre do curso de Jornalismo Noturno, como parte das disciplinas Laboratório de Jornalismo: Jornal do Campus e Laboratório de Fotojornalismo.

▶ ECONOMIA

Alta repentina dos alimentos prejudica estudantes da USP

Carnes e café puxam índices de inflação; especialista aponta mercado aquecido e crise climática como causas

JENNY PEROSSO [REPORTAGEM]

“Quando as coisas aumentaram eu não tirei o café de imediato, eu tirei a carne”, conta Alice (nome alterado a pedido da entrevistada). A estudante da USP relata que de julho de 2024 até fevereiro, foi a única responsável pelo sustento da família de cinco pessoas. E foi em agosto que “o preço de tudo começou a aumentar”.

Alice não é a única a sentir que a alimentação está cada vez mais cara. Segundo dados da Associação Brasileira de Supermercados, a cesta básica ficou 14,2% mais cara em 2024. As maiores altas foram as dos preços do café, que subiu 39,6%, óleo de soja, 29,2%, e carne, com 25,3%.

A alta do preço foi tão súbita que o motivo do aumento segue uma incógnita para a maior parte da população. Não é por acaso: existe uma miríade de culpados. O professor Luciano Nakabashi, da Faculdade de Economia de Ribeirão Preto da USP, explica.

PREÇO GLOBAL

O professor conta que produtos agrícolas são commodities, ou seja, são bens de consumo iguais no mundo inteiro. Uma saca de café arábica será uma saca de café arábica no Brasil ou na Colômbia. Por serem iguais, o preço das commodities depende

Agosto, outubro e setembro ficamos sem carne. Novembro, dezembro e janeiro foram os meses do hambúrguer. Fevereiro, da linguiça

Alice, estudante da USP

do cenário global, não só brasileiro, e uma das culpadas pela alta dos preços é a crise climática, que atrasa a colheita de vários países.

“Não é só o Brasil que tem passado por uma redução da oferta por questões climáticas, mas outros países que são produtores também”, argumenta Nakabashi. “Excesso de chuva, seca, as queimadas do ano passado. E quando a produção de uma commodity lá da Ásia foi afetada, e a gente produz aqui no Brasil, vai afetar o preço”.

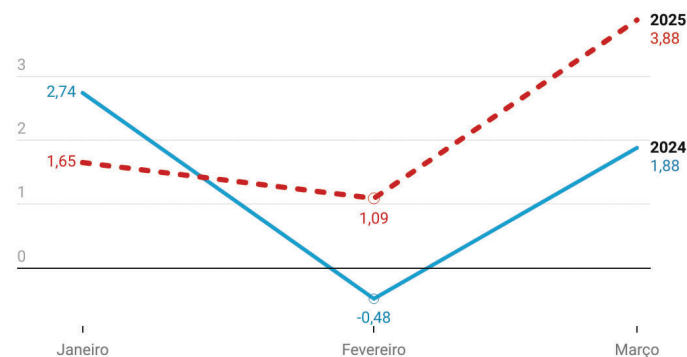
Mas em âmbito nacional há outra questão fazendo o preço dos alimentos subir: a produção não estava preparada para o aquecimento do mercado. Segundo dados do IBGE, o desemprego atingiu mínima histórica em 2024 em 14 estados. Em São Paulo a taxa foi de 6,2%. Com mais pessoas empregadas, a tendência é que o consumo aumente. Com mais demanda, e uma oferta limitada por fatores climáticos, a tendência é que o preço dispare.

IMPACTO EM ESTUDANTES

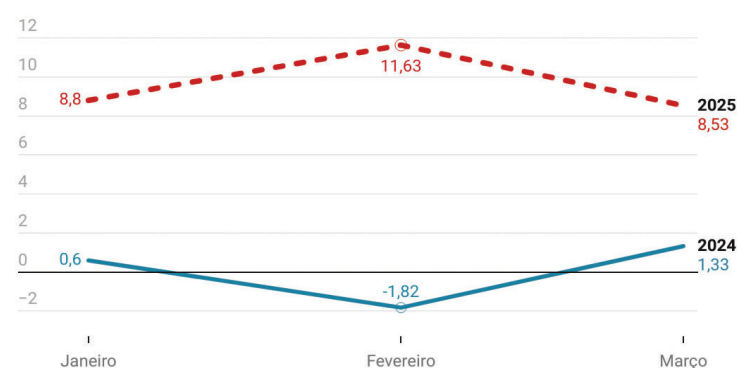
Helen Mendes cursa educomunicação na USP e conta que tentou substituir o café pelo chá, que também possui cafeína: “Eu sou viciada em café, tomo todo dia, senão eu começo a tremer, dá dor de cabeça, tudo mais. Com a alta, tive que me virar no chá, que tem um

Variações da inflação (em %) nos três primeiros meses de 2024 e 2025

Aves e Ovos



Café Moído



FONTE: IBGE, SISTEMA NACIONAL DE ÍNDICES DE PREÇOS AO CONSUMIDOR - IPCA-15

mínimo de cafeína possível para eu não ficar maluca”. A estudante conta que, além do café, outros produtos têm faltado na despensa por causa do preço. “Fiquei 20 dias sem ovo. A carne a gente está comprando mais porcionada e tudo mais.”

Já o caso de Alice é mais dramático. Com cinco bocas para alimentar e um salário mínimo que consegue em seu estágio, a estudante fez sacrifícios:

“Primeiro tentei tirar o café, substituir pelo chá, mas não deu certo. Então reduzimos para uma passada de café por dia, antes eram duas.” Para a proteína, o jeito foi migrar para ultraprocessados. “Agosto, outubro e setembro ficamos sem carne. Novembro, dezembro e janeiro foram os meses do hambúrguer. Fevereiro, da linguiça.”

A estudante chegou inclusive a trancar matérias por não ter saúde mental para focar na faculdade. “Estava tão desesperada com medo da minha família cair no ciclo da pobreza que perdi a esperança e a perspectiva”. A situação, contudo, melhorou quando ela começou a receber auxílio do Programa de Apoio à Permanência e Formação Estudantil (PAPFE). O auxílio, para muitos, não é só uma questão de permanecer na Universidade, mas a diferença entre a miséria e uma vida digna.



Com altos preços, os carrinhos ficam cada vez mais vazios

▶ 5 ANOS DE PANDEMIA



“Falhamos em não ensinar e viver uma cultura preventiva na Universidade”

Para Lorena Barberia, cientista política e analista de políticas públicas na crise de covid-19, resposta da instituição às pandemias ainda tende a ser emergencial em caso de nova pandemia

GIOVANNA CASTRO E JEAN SILVA [REPORTAGEM]

“No caso da USP, deveríamos pensar em qual será o nosso plano como Universidade para a próxima emergência. Precisariamos estar discutindo isso agora”, afirma. Confira abaixo os principais trechos da entrevista ao JC:

Durante a pandemia, um dos muitos desafios era lidar com o ambiente de desinformação. Cinco anos após o começo da pandemia, quais marcas essas situações deixaram no Brasil?

Lorena Barberia: Mesmo após cinco anos, nós, como sociedade, ainda não produzimos realmente uma avaliação das lições aprendidas. Para diferentes grupos, há diferentes interpretações de quais foram os aprendizados. O problema é que nós não temos uma leitura muito clara, porque foi um momento muito complexo e longo.

É importante nesse marco dos cinco anos lembrar que é uma obrigação nossa – por todas as pessoas que faleceram, por todas as pessoas que adoeceram –, fazer esse exercício de avaliar o que deu certo e o que não deu certo. Mas nossa sociedade não está fazendo essa avaliação. Precisamos lembrá-la de que, se não refletirmos, estaremos em uma situação mais vulnerável para a próxima [pandemia], que com certeza virá.

O Brasil perdeu mais de 700 mil vidas durante a pandemia. Como essa perda humana ainda afeta o país?

Precisamos pensar nas crianças e adolescentes cujos pais e avós morreram durante a pandemia. Essa é uma questão importante que mostra a magnitude

dessa crise: a das gerações que perderam o cuidador principal, ou que estão sem cuidadores hoje.

No caso dos órfãos, o grupo Rede de Pesquisa Solidária rastreou as leis. Até houve uma discussão em especial sobre o cuidado dos órfãos da pandemia, mas esses projetos de lei nunca saíram do papel. Deixamos muitas cicatrizes abertas, porque não fizemos a reparação que precisávamos fazer.

Quais foram os efeitos do pós-pandemia sentidos que perduram em instituições como a USP?

No Hospital Universitário da USP, os professores, residentes, e pessoas que estavam no atendimento, foram os responsáveis por internar e cuidar de uma grande parcela de pessoas infectadas. Tivemos uma atuação muito importante em pesquisas e em ajudar a tomada de decisão. Fomos muito estratégicos.

Falhamos em não viver uma conduta preventiva na Universidade. Precisariamos incentivar um cuidado diferenciado sobre o outro e pensar em alternativas para que alunos infectados, por quaisquer doenças transmissíveis, não percam as aulas. Para que eles continuem aprendendo, mas evitem transmitir doenças.

É muito mais fácil você mobilizar todo mundo diante de uma crise se você está o tempo todo preparando seus alunos para isso. O problema é que não estamos fazendo isso dentro da USP.

A pandemia de covid-19 alterou a resposta de líderes globais diante de novas crises sanitárias? Como o Brasil está se preparando?

Os governos estão fazendo planos de emergência. Estão pro-

curando formar equipes multissetoriais, unindo a economia e a agricultura, por exemplo. Para estarmos melhor preparados para o futuro, precisamos ter diálogos em conjunto com várias áreas, que estão mais cientes hoje dessa necessidade de estar conversando.

No caso da USP, deveríamos pensar em qual será o nosso plano como Universidade para a próxima emergência. Precisariamos estar discutindo isso agora. O que acontece em um momento de emergência? O que se pode fazer presencialmente? O que se pode fazer de forma híbrida? Isso não está claro. Quais são as áreas da universidade que são áreas de linha de frente? Quais não são?

Um relatório das Nações Unidas, elaborado em 2021, pontuou que, no cenário pós-pandêmico, haveria um aumento de 10% no número de pessoas que precisariam de assistência social. Como a pandemia acentuou as desigualdades sociais que já existiam?

Em países desenvolvidos, nós vemos que houve uma mudança radical pós-pandemia para o trabalho híbrido. Ele se tornou muito mais frequente para uma certa classe de trabalhadores, mais exposta, sem segurança e sem chance de aposentadoria.

Mas o que a gente precisa lembrar é que, no caso de países como o Brasil, a parcela da população que faz esse tipo de trabalho e que pode ter esse tipo de conduta é uma parcela muito minoritária na nossa sociedade.

Esse legado preocupa porque, à medida que a sociedade entrou desigual e saiu mais desigual da pandemia, isso significa que há um consenso mais frágil de como enfrentar a próxima.



CONFIRA A ENTREVISTA COMPLETA

MEMÓRIA

Estudantes da Poli mortos na ditadura são diplomados

Cerimônia faz parte da iniciativa Diplomação da Resistência, que homenageia 33 estudantes assassinados no período

YASMIN BRUSSULO [REPORTAGEM]

As quatro cadeiras vazias em destaque no auditório Prof. Francisco Romeu Landi representavam, respectivamente, Lauriberto José Reyes, Luiz Fogaça Balboni, Manoel José Mendes Nunes Abreu e Olavo Hanssen. No dia 28 de março, os estudantes foram homenageados como parte da iniciativa Diplomação da Resistência, que pretende conceder diplomas honoríficos aos alunos que foram assassinados pela ditadura militar (1964-1985) antes que pudessem concluir suas graduações.

Após a apresentação da mesa, composta por representantes de diversas esferas da Universidade, a cerimônia começou com a transmissão de um vídeo produzido pela Escola Politécnica no qual os irmãos dos estudantes falam sobre suas presenças e, especialmente, suas ausências.

DIPLOMADOS

Lauriberto ingressou na Universidade em 1965, ano em que se tornou diretor cultural do Conjunto Residencial da USP (CRUSP). Participou ativamente de movimentos políticos e estudantis como o Movimento de Libertação Popular (Molipo) e, em 1968, fez parte da direção executiva da União Nacional dos Estudantes (UNE). O jovem foi morto em fevereiro de 1972, após emboscada realizada por agentes do Estado.

Regina Reyes, sua irmã, relembra uma crônica escrita pelo irmão para o jornal do colégio



Os quatro homenageados foram assassinados entre 1969 e 1972

no qual estudou durante a adolescência, que criticava o apanhecimento de um jovem negro ocorrido numa universidade nos Estados Unidos. “O texto dizia: ‘prove-me que este é o país mais civilizado do mundo, onde esse tipo de coisa acontece’. Este é só um exemplo para dizer que a questão social sempre foi muito forte para ele”, contou. Com o diploma de Lauriberto em mãos, ela encerrou dizendo que “a memória não morrerá”.

Já Luiz, carinhosamente chamado de Zizo pelos familiares e amigos, ingressou na USP em 1966. Ele militou inicialmente na Ala Vermelha do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) em 1968 e, por divergências ideológicas, deixou o movimento e se engajou na luta armada pela Ação Libertadora Nacional (ALN). Em setembro de 1969, foi vítima

“Um sonho que estava suspenso se realiza. Para a minha família, isso tem um grande valor”

Maria da Graça, irmã de Manoel José Mendes de Abreu, morto pela ditadura

de uma emboscada orquestrada por delegados do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e faleceu no dia seguinte.

“Aqueles generais poderosos devem muito à nossa sociedade. Interromperam o futuro brilhante de um jovem de apenas 24 anos, que este ano completaria 80. Onde ele estaria hoje?”, disse Vital Fogaça Balboni, irmão de Luiz, durante seu discurso.

Em 1998, o Governo Federal pagou à família Balboni uma indenização de R\$ 120 mil pela morte do estudante. A quantia foi investida no Parque do Zizo, área de preservação de mais de 300 hectares de Mata Atlântica intocada. Nas palavras de Vital, “o maior legado do Zizo fica para a posteridade. Uma floresta inteira para homenagear a sua existência, sua memória e sua vida, que não foi em vão”.

MIGRAÇÃO

Em julho de 1954, a família de Manoel chegou ao Brasil, fugindo da ditadura do português Antônio Salazar. O jovem iniciou sua militância em movimentos estudantis ainda no colegial e, depois de entrar na Universidade, começou sua trajetória na luta armada também na ALN. Em setembro do ano de 1971, aos 21 anos de idade, o militante foi assassinado por agentes do Estado.

“Agora, um sonho que estava suspenso se realiza. Isso, para a minha família, tem um grande valor. Os ancestrais se alegram, ficam felizes, quando vamos além e realizamos nossos sonhos”, disse Maria da Graça Mendes Abreu, irmã de Manoel.

Já Olavo ingressou na Universidade em 1960 e passou a fazer parte do Grêmio Politécnico no ano seguinte. Durante essa passagem, ele conheceu e se filiou ao Partido Operário Revolucionário Trotskista (PORT). No dia 1º de maio de 1970, Olavo e outras 18 pessoas foram presas e levadas ao DOPS. O jovem foi declarado morto dias depois. “Eu fico pensando que, apesar de tudo, a gente tem que se dar por satisfeito por ter conseguido resgatar o corpo. Teve muita gente que não pôde resgatar seus mortos”, disse Alice Hanssen, irmã de Olavo.

De acordo com ela, “os quatro jovens entraram [na Universidade] pensando no próprio futuro, mas realizaram algo muito maior, porque não fizeram apenas por eles, mas pelos outros”.

Lauriberto Reyes

Luiz Balboni

Olavo Hanssen

Manoel Abreu



Diplomação da Resistência

De acordo com a Comissão Nacional da Verdade (CNV), cerca de 434 pessoas morreram ou desapareceram durante a ditadura militar – 47 delas faziam parte da USP. Os 39 alunos, seis professores e dois funcionários representam quase 11% das vítimas.

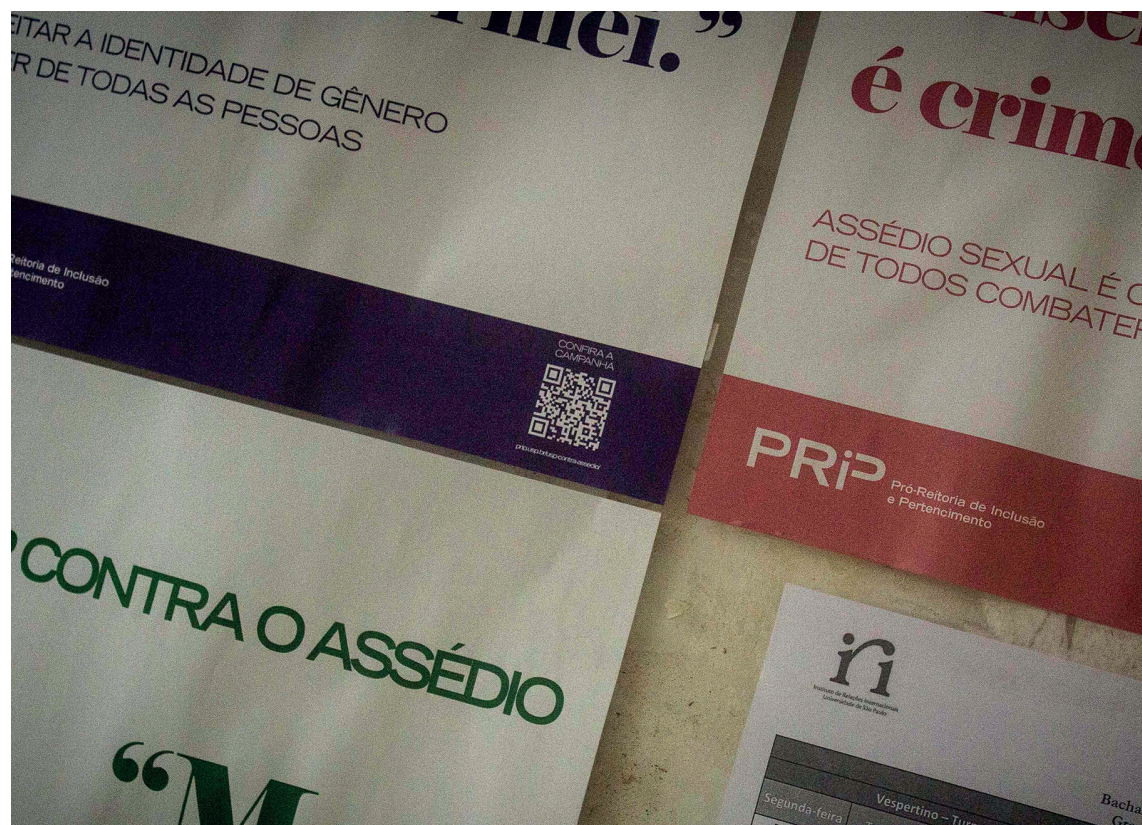
A emissão de diplomas honoríficos através da Diplomação da Resistência está em conformidade com as recomendações feitas pela Comissão da Verdade da USP em relatório publicado em 2018. Além disso, está alinhada com o relatório da Comissão Nacional da Verdade, cuja recomendação 28 trata da “preservação da memória das graves violações de direitos humanos”.

▶ ASSÉDIO SEXUAL

Denúncias em série evidenciam abusos praticados por professores

Três meses separam acusações contra docentes em diferentes campi da USP.

Para professora da FFLCH, medo de represálias às vítimas impedem mais relatos



Cartazes da campanha "USP contra o assédio" da Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP)

DIEGO COPPIO, NATALIA TIEMI
E YASMIN TEIXEIRA [REPORTAGEM]

Em 13 de dezembro de 2024, o professor associado da Faculdade de Direito (FD) da USP, Alysson Mascaro, foi afastado do seu cargo após uma série de denúncias divulgadas na internet contra o docente. Dez dias antes, o site Intercept Brasil divulgou relatos de alunos e ex-alunos que se declararam vítimas de assédio sexual cometido por Mascaro, com episódios de 2006 até o início de 2024. Beijos forçados e estupro constam nas denúncias da reportagem.

O perfil de Mascaro nas redes sociais postou em novembro de 2024, antes da divulgação das denúncias pelo Intercept Brasil, que o docente vinha sendo vítima de crime cibernético e perseguição. Procurada pelo JC, a defesa de Mascaro não retornou até a publicação desta matéria.

Na portaria divulgada no dia do afastamento, a FD afirmou que "há fortes indícios de materialidade dos fatos e que estes envolvem possível enquadramento típico de assédio sexual vertical (cometido por alguém de posição hierárquica superior)". Após conclusão de uma sindicância interna em janeiro de 2025, a Faculdade enviou um relatório para

a Procuradoria-Geral da USP. O JC entrou em contato com a Procuradoria, que indicou contato com a Imprensa da USP. Ela, por fim, repassou a resposta para a FD, a qual apenas afirmou que o processo corre em segredo.

Além deste, casos de assédio têm surgido em outras instituições e campus da USP. Em 28 de fevereiro, o professor José Maurício Rosolen, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP), foi afastado por 180 dias após ser acusado por alunas de assédio sexual. Ao contrário da imagem esperada, casos como esse mostram que o aspecto acadêmico não exclui a possibilidade dessas ocorrências. Universidades são cenários nos quais as opressões de gênero e poder se mostram permanentes e, principalmente, estruturais.

Um levantamento realizado pelo Tribunal de Contas da União (TCU) mostrou que, entre 2021 e 2023, houve um aumento de 44,8% nos processos judiciais sobre assédio sexual em universidades federais, com mais de 360 mil novas ações. Entre 2022 e março de 2024, foram abertos 641 processos, com denúncias em 57 das 69 instituições analisadas. 60% das universidades não apresentavam políticas de combate.

Existe uma responsabilidade pessoal de cada docente, tanto na sua atuação pessoal, como em relação ao grupo. Quando acontece algo nesse sentido, o que eu enquanto colega, que tipo de atitude eu vou fazer?

Viviane Ferreira, professora de Direito Civil na Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas

Segundo Viviane Ferreira, professora de Direito Civil na Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, a opressão sexual soma-se às hierarquias de poder universitárias. "O lugar do aprendizado, a sala de aula, deveria ser um lugar engerado com maior respeito por todos os envolvidos. E, infelizmente, não é tratado assim pelos docentes. O abuso desse poder para qualquer tipo de conduta abusiva em relação aos alunos é uma agressão muito grande."

Para Ferreira, "é essencial que alunos se sintam à vontade para buscar a instituição, tem que haver uma estrutura interna para acolher, escutar e encaminhar essas denúncias."

Nesse sentido, Heloísa Buarque de Almeida, professora do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP) e membro do coletivo feminista Rede Não Cala, acredita que o medo da retaliação é um dos principais fatores para a falta de denúncias nas universidades. De acordo com a professora, muitas vítimas optam por não denunciar pela influência do docente no mercado de trabalho ou no ambiente acadêmico.

"O que estamos tentando fazer é convencer [a vítima] de que ela está protegida pelo sistema formal. Esse professor vai ser afastado, não vai mais dar nota, não vai mais orientar. É o que está acontecendo agora com o professor da FD: ele está afastado para que a investigação possa ocorrer. Isso ajuda a diminuir as possibilidades de retaliações", afirma Almeida.

Na USP, a Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP) criou em 2024 o Sistema USP de Acolhimento (SUA), com o objetivo de acolher e orientar as vítimas de assédio no processo.

Realizada a denúncia, são investigadas a materialidade e a autoria da infração. Caso confirmada, a depender da gravidade, a Procuradoria Geral poderá conduzir uma sindicância punitiva ou um processo administrativo disciplinar (PAD), com pena máxima de demissão (no caso de docentes e servidores) ou desligamento do curso.

Sindicato acusa USP de negligência com condutas abusivas

Para Sintusp, as medidas adotadas são ineficazes; reitoria cita SUA como canal de acolhimento e de resolução para as denúncias

BERNARDO CARABOLANTE, LEONARDO CARMO
E TAINÁ RODRIGUES [REPORTAGEM]

Liz*, mulher trans e funcionária na Universidade há cerca de 12 anos, conta que, após ir a um bar com um ex-colega de trabalho, foi dormir em um colchão em sua casa. “Chegando lá, ele foi tomar banho e eu dormi. Ele saiu do banheiro, fez barulho e eu acordei. Ele tirou a toalha e estava excitado. Bateu [o órgão genital] no meu ombro e falou: ‘chupa’”, disse. Com medo de que gritasse, ele parou, e ela dormiu.

“Eu acordei no dia seguinte, com ele em cima de mim, tentando me beijar, mas eu consegui sair debaixo dele”, afirma Liz.

Ela comunicou seus superiores do ocorrido, mas nada foi feito. Posteriormente, seu ex-colega virou seu chefe e, assim, a importunação sexual foi somada ao assédio moral. “Toda vez que eu me atrasava, ele mandava mensagem no WhatsApp perguntando onde eu estava. Durante esses atrasos, ele comentava com uma colega: ‘aquela vagabunda deve estar dando por aí’”.

Ao chorar no trabalho, seu chefe questionou o motivo da tristeza. Liz então relatou que estava sofrendo com os olhares que recebia durante sua transição de gênero e recebeu a resposta: “Isso foi uma escolha, agora aguenta”.

Depois, começou a ter suas funções reduzidas. “Mas acho que era essa a intenção dele, demonstrar para os professores que eu não fazia nada”, disse. O caso, enfim, chegou ao conhecimento da direção da unidade, que tomou providências. Liz foi realocada para outro setor e o ex-chefe perdeu o posto que ocupava.

Dados obtidos pelo Jornal do Campus por meio de um pedido de Lei de Acesso à Informação (LAI) mostram que, de 2012 até 2024, a Ouvidoria Geral da USP recebeu 100 denúncias de assédio moral por parte de seus funcionários.

Contudo, os números são maiores porque esse não é o único órgão que recebe denúncias do gênero — a maioria é conhecida e apurada no âmbito das próprias unidades. Além disso, os abusos são em quantidade muito maior porque boa parte

das vítimas nunca chega a realizar uma denúncia formal. É o caso de Liz.

De acordo com Paulo César Rodrigues, mestre em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília (UnB), situações como essa têm se tornado cada vez mais comuns no Brasil e “os efeitos são devastadores para as vítimas”. O psicólogo afirmou que o assédio moral pode gerar depressão, ansiedade, fobia e chegar a motivar suicídios.

De forma geral, quem está sofrendo violências no trabalho só busca ajuda após um longo período. Mas funcionários que atuam no setor público, como os da USP, costumam postergar ainda mais esse processo, segundo o especialista. “Esses sujeitos sofrem por muitos anos e começam a entrar em um processo de quase apagamento dentro do ambiente de trabalho”.

Rodrigues afirma que espaços onde a competitividade é incentivada costumam ser mais propícios para condutas abusivas. “O assédio não é um acidente, mas uma ferramenta de controle”.

MEDIDAS INEFICIENTES

O Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp) propõe que a reitoria assine um Termo de Ajuste de Conduta (TAC) para se comprometer a combater o assédio moral dentro de suas instalações. Mas, até o momento, a Universidade segue na contramão de outras instituições estaduais como a Unicamp, que firmou essa espécie de acordo junto ao Ministério Público do Trabalho em 2015.

“A USP age como se esse problema não existisse. Aí, a gente vê o nível de adoecimento dos trabalhadores. São muitos casos de burnout, ansiedade e depressão”, afirmou a diretora do Sintusp, Patrícia Galvão.

Segundo ela, uma das principais medidas adotadas pela USP para lidar com condutas abusivas — a criação da Comissão Permanente de Relações do Trabalho (Copert), também em 2015 — segue ineficiente e inacessível. “O reitor [Carlos Gilberto Carlotti Junior] limitou o escopo de atuação da Copert. Não respondem nossos comunicados e pedidos de reunião”, disse.



Questionada, a reitoria da USP afirma que a questão do assédio moral ganhou centralidade na Universidade a partir da criação da Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP), em 2022. Uma das ações mencionadas é a implementação do Sistema USP de Acolhimento (SUA), um canal de denúncias central que foi disponibilizado este ano.

A proposta do SUA, de acordo com o que foi informado, é garantir um “acolhimento respeitoso e qualificado à pessoa denunciante”, além de conduzir os “procedimentos administrativos necessários para uma resposta célere e justa”. A PRIP não retornou as tentativas de contato até a publicação dessa matéria.

*Nome fictício para proteger a identidade da vítima

A USP age como se esse problema não existisse. Aí, a gente vê o nível de adoecimento dos trabalhadores. São muitos casos de burnout, ansiedade e depressão

Patrícia Galvão, diretora do Sintusp

Sistema USP de Acolhimento (SUA)

**(11) 3091-5001
suaprip@usp.br**

**Seg. a sex.
8h às 17h**

▶ TECNOLOGIA

USP sob **ataque**: Instabilidade expõe fragilidade na estrutura digital da **Universidade**

Profissionais ouvidos pelo **Jornal do Campus** confirmam características de ataque hacker

BRUNA CORREIA E JENNY PEROSI [TEXTO]

A USP enfrentou instabilidade em seus sistemas digitais desde o dia 11 de março, afetando docentes, servidores e estudantes. Sistemas como o de matrículas virtuais Jupiterweb e a ferramenta e-Disciplinas se tornaram inacessíveis, e nos corredores, alunos e professores relacionavam as falhas a um ataque hacker.

Já em reunião do Conselho Universitário, no dia 18 de março, o superintendente da STI (Superintendência de Tecnologia da Informação), professor João Eduardo Ferreira, do Instituto de Matemática e Estatística (IME-USP), atribuiu o problema à troca da estrutura de proteção das redes que estaria em andamento.

“Essa troca é fruto de uma aquisição da Reitoria que chegou no começo de fevereiro. Estamos trocando esse firewall, por isso as instabilidades”.

Um firewall é um sistema de segurança para redes de computadores que controla o tráfego da Internet em uma rede privada. Seu principal objetivo é prevenir ações mal-in-

tencionadas e impedir acessos ou atividades não autorizadas, vindos tanto de dentro quanto de fora da rede.

O reitor da USP, Carlos Gilberto Carlotti Júnior, afirmou que o novo sistema de proteção estava “hipersensibilizado”. “A instabilidade era porque o firewall estava entendendo os nossos acessos como acessos indevidos”.

Em email enviado à toda comunidade universitária dia 9 de abril, a Superintendência confirmou que os sites e serviços corporativos da USP seguem restritos apenas para acesso interno, através da rede Eduroam, ou serviço de VPN. O email não menciona um ataque cibernético de qualquer natureza, mas afirma que não houve vazamento de dados e reforça instruções de boas práticas de segurança da informação.

A reportagem do **Jornal do Campus** colheu relatos de desenvolvedores de Tecnologia da Informação de quatro unidades. Todos eles disseram que as características da instabilidade remetem a um ataque hacker. Segundo os funcionários, a Universidade denunciou o ataque à Polícia Federal, mas a reitoria não se pronunciou.

[ATAQUE HACKER]

De acordo com reportagem do Estadão, as instabilidades foram causadas por um ataque hacker, e o jornal também noticiou que o caso está sob investigação da Polícia Federal. Procurada pelo JC, a PF não se manifestou até o fechamento desta edição.

Fernando Amatte, especialista com mais de 20 anos de experiência em segurança da informação e pesquisa de crimes cibernéticos, declarou ao **Jornal do Campus** que a Universidade sofreu o tipo mais comum de invasão, chamado de DDoS (Negação Distribuída de Serviço, na sigla em inglês).

“Um link na internet é como uma boca de uma garrafa, e cada acesso é como um canudo

colocado na garrafa para obtenção do líquido. Em momentos de grande demanda, ou num ataque de negação de serviço, é como se tentassem colocar 100 canudos, mais do que cabe na boca da garrafa”, diz o especialista, que é perito da Justiça para assuntos de informática e conta com mais de 20 anos de experiência na área de segurança da informação.

Toda plataforma online possui uma capacidade máxima de operação. Quando esse limite é excedido, os serviços podem ficar indisponíveis por minutos ou até horas. O objetivo central do DDoS é usar de acessos automatizados para sobrecarregar o sistema, impedindo usuários legítimos.

Fernando também questionou a fala de Carlotti, sobre o novo firewall bloquear todos os acessos por ser uma inteligência artificial em fase de aprendizado: “Há firewalls novos que operam com a tecnologia de inteligência artificial, mas ela possui dois modos. Durante a fase de aprendizado, o sistema apenas monitora o fluxo de dados para entender a utilização dos usuários por um mês. Só depois é ligado o modo de bloqueio”.

Para conter os impactos, a USP restringiu o acesso aos sistemas internos apenas para dispositivos conectados à rede da Universidade. A medida, no entanto, dificultou o acesso remoto de alunos e professores a materiais acadêmicos e notas, prejudicando os estudos e impedindo que pessoas de fora da instituição se inscrevessem em concursos. O ataque chegou a afetar o calendário de matrículas dos novos estudantes aprovados pela Fuvest.

[PREJUÍZOS PARA COMUNIDADE]

Samira Balcazar, historiadora e aluna de pós-graduação da Faculdade de Educação (FE-USP), conta que foi prejudicada pela queda dos sites:

“Isso me atrapalhou para conseguir uma vaga como professora na rede pública, pois



não tive condições de consultar alguns documentos. Também me atrapalhou no acesso à biblioteca, porque eu precisava consultar e levar para casa algumas leituras, e não consegui”.

“E a questão do bandeirão também foi complicada, porque eu não consegui passar pelo QR Code. Se eu não estivesse com a carteirinha, não teria conseguido almoçar nem jantar, nem colocar créditos no cartão para poder usar o restaurante”.

Procurado por e-mail pelo *Jornal do Campus*, o suposto hacker responsável não confirmou e nem negou a estratégia de contratação de serviços DDoS oriundos de outros países, mas afirmou que trabalhou sozinho. O mesmo padrão de ataque foi registrado em sites oficiais do Governo e outras faculdades públicas, como a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a Universidade de Brasília (UnB).

O hacker entrou em contato com a Associação de Docentes da Universidade de São Paulo (Adusp) por e-mail para contestar uma nota sobre as instabilidades nos sistemas virtuais da USP. No e-mail, o hacker acusou a Reitoria de mentir a respeito da situação e anunciou que derrubaria o site da Adusp em 27 de março, o que de fato ocorreu por 18 horas.

[NOVAMENTE, FALTA DE INVESTIMENTO]

Para William Gnann, chefe da Seção Técnica de Informática do Instituto de Matemática e Estatística (IME-USP), o principal fator associado aos problemas de TI é a falta de investimento. Ele argumentou que a demanda destes serviços é muito maior do que era há 15 anos.

“Vários processos foram digitalizados, mas cada um deles representa um novo sistema. Mais recentemente ainda vieram os grandes modelos de linguagem, como o ChatGPT, que aumenta muito a demanda por recursos computacionais de alto desempenho. Todas essas tecnologias dependem de recursos de informática da Universidade”.

O Conselho Universitário aprovou no final de 2024 o orçamento da Universidade para 2025, que será da ordem de R\$ 9,15 bilhões. Desse valor, R\$ 8,1 bilhões vem do repasse do governo estadual, a USP recebe 5,02% da arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços do estado de São Paulo, e R\$ 1,06 bilhão provém de receitas próprias.

Os valores destinados ao STI central nos últimos 10 anos au-

mentaram 133,09%. O gasto em tecnologia por aluno de graduação em 2025 foi de 787 reais. Se contar com os alunos da pós, foi de 480 reais.

“A USP passou por um inverno de 10 anos sem contratação de funcionários e sem plano de carreira, então, por um lado, há um aumento enorme no papel da TI, por outro, não conseguimos trazer novos quadros e, para piorar, ainda perdemos vários para o mercado”, disse Gnann, complementando que a STI do IME perdeu 4 funcionários em 2024, sendo 3 no programa de incentivo à demissão voluntária.

O analista de sistemas acredita que uma parte dos problemas de TI se deve justamente ao fato de não haver funcionários o suficiente para simultaneamente administrar o que já existe e melhorar a infraestrutura.

Para ele, a própria troca do firewall que culminou nos proble-

Isso me atrapalhou para conseguir uma vaga como professora na rede pública, pois não tive condições de consultar alguns documentos

Samira Balcazar, aluna de pós-graduação da FE-USP

CONFIRA A VERSÃO INTERATIVA DA MATÉRIA



mas recentes é um sintoma da falta de braços. “Já aconteceu de termos de esperar o funcionário responsável voltar de férias para ter um chamado atendido. Não dá para ter esse tipo de situação numa instituição da estatura da USP”.

“Os switches, roteadores e o agora famoso firewall, equipamentos responsáveis pelo tráfego da rede de computadores, tiveram sua última compra centralizada para as unidades realizada em 2012. Eram equipamentos excelentes há 15 anos, mas hoje não são”, afirmou, acrescentando não conseguir avaliar a situação na STI, mas acreditar que “os equipamentos lá sejam atuais e de primeira qualidade”.

Em nota, o Sindicato dos Trabalhadores da Universidade de São Paulo (Sintusp) diz que esse problema escancara os perigos da terceirização e da entrega de setores estratégicos para o funcionamento da universidade à empresas privadas.

Ao *Jornal do Campus*, o professor Ewout ter Haar, do Depar-

tamento de Física Experimental do Instituto de Física (IF-USP) afirmou que vale refletir sobre a precariedade da infraestrutura de TI da USP, que “aparentemente pode ser parada por um único ato criminoso”.

“Se de fato o problema foi gerado por negação de serviço, me pergunto porque a USP não contratou, emergencialmente, um serviço de proteção contra esses ataques?”, questionou.

“Mas ressalto que não temos esta informação. É tudo especulação, na ausência de comunicação clara do STI”, complementou o professor.

Muitas disciplinas de graduação foram prejudicadas com a falta de disponibilidade do e-Disciplinas. O Moodle, que também hospeda cursos de extensão e pós graduação, também ficou indisponível, sem informar os cursistas sobre um novo cronograma ou mesmo justificar a indisponibilidade dos seus cursos.

“Processos seletivos de programas de pós-graduação tiveram que ser adiados. Além disso, aparentemente, a matrícula de ingressantes das chamadas finais ficou bem prejudicada”, disse ter Haar.

A respeito da troca do firewall, o docente afirmou que seria inaceitável a troca de um equipamento essencial no meio do semestre, sobretudo quando isso resulta em indisponibilidade de serviços essenciais por um período muito grande, e que é incompreensível a duração das instabilidades.

Segundo apuração do Estadão, o novo sistema já havia sido comprado pela Universidade em 2024, para que fosse instalado no começo de 2025. Os ataques surgiram quando esse processo começou.

Para ter Haar, a explicação dada pela STI é “piada de mau gosto”. “Na ausência de informações sobre o que está acontecendo, resta a conclusão de incompetência”.

Em nota ao JC, a reitoria afirmou reconhecer instabilidade no sistema e disse estar tomando medidas para a normalização. Segundo ela, a apuração da instabilidade será realizada por instâncias competentes.

Na ausência de informações sobre o que está acontecendo, resta a conclusão de incompetência

Ewout ter Haar, professor do IF



► CONVIVÊNCIA

Ameaçadas, vivências enfrentam obras e incertezas

Estudantes criticam alterações em espaços estudantis no campus

BERNARDO CARABOLANTE E DAVI CALDAS
[REPORTAGEM]

De uma sinuca solitária a salas apertadas, as vivências na USP tiveram seu início como praças de convívio. Mas o passar dos anos trouxe desafios. É o caso da ECA com a Prainha, ou mesmo da Ciências Sociais, da FFLCH, que deve perder dois terços de seu Espaço Verde depois de uma reforma no departamento.

A primeira ideia de vivência foi o Biênio da Poli, nos anos 1960, como conta a Superintendência de Espaço Físico (SEF) da USP. As vivências criadas por e para estudantes surgiram principalmente nos anos 1970 e 1980. Com o passar dos anos, os espaços se tornaram mais do que um ambiente de convivência, e passaram a ser espaços de festas, comércio e debate político.

Essas áreas são cada vez mais disputadas na Universidade. Um exemplo é a Prainha ecana, fechada para reformas em 2024. Júlia Urioste, integrante do Centro Acadêmico Lupe Cotrim (Calc), da ECA, comenta: “A alternativa que a ECA deu foi o Quadrado das Artes, mas é diferente, porque a qualidade que a Prainha tinha, o Quadrado não tem”.

Sem banheiros, bebedouros, depósitos ou tomadas, o Quadrado não substitui o papel que a Prainha tinha no estilo de vida ecano. “O Quadrado não é uma vivência, é um local de passagem, diferente da Prainha. Ela é a identidade da ECA”, relata.

Fora da ECA, o curso de Ciências Sociais apresenta uma questão parecida, já que as reclamações aparecem justamente por conta de uma reforma que irá afetar dois terços da vivência. Na visão de Veronica, do Centro Acadêmico de Ciências Sociais (CeUPES), a construção do novo bloco, apesar de importante, foi uma escolha deliberada para afetar o Espaço Verde.

“Eles poderiam construir esse corredor [que afetará o Espaço Verde] em qualquer outro lugar do prédio. É uma escolha que a diretoria fez, em conjunto com a reitoria, de afetar o nosso espaço de autonomia estudantil.” Entre outros exemplos, a estudante cita o Piso do Museu, da FAU. O Grêmio Estudantil do instituto, via Instagram no final de 2024, manifestou o medo de perder autonomia do local, devido a conflitos com a direção sobre a gestão e cuidado do espaço da lanchonete.

Geodésica de ferro presa na Prainha da ECA



As vivências são espaços para experiências, porque a universidade não é só estudar. São ambientes que criam histórias

Júlia Urioste, integrante do Calc

Na Poli, Maria Luiza Brozios, do Centro Acadêmico da Engenharia Química (AEQ), conta sobre uma gincana que acontece há quase 50 anos na Poli, na qual os alunos passam de sexta a terça-feira no instituto. “Ficamos de madrugada dentro da USP e nos espaços dos centros acadêmicos, mas precisamos de ofício para que liberem o acesso aos espaços após as 23h.”

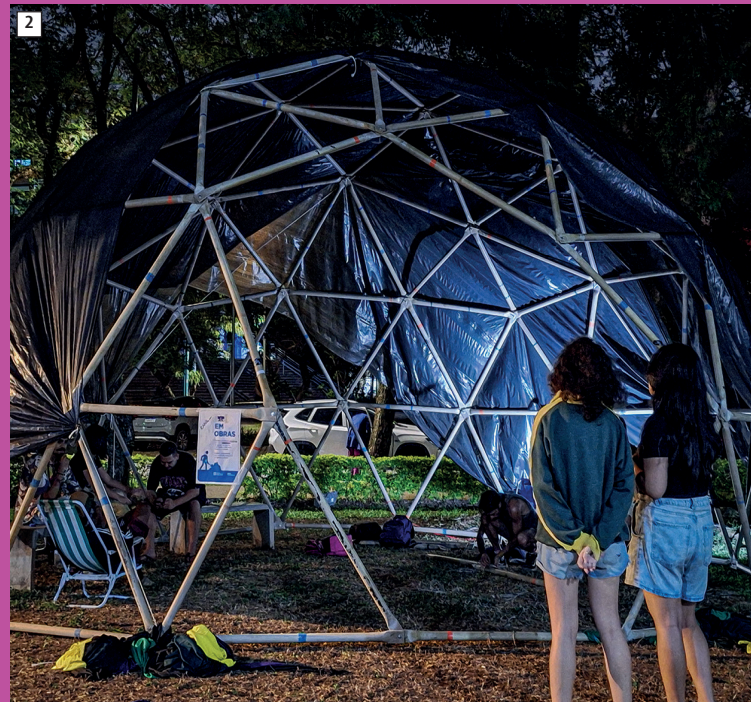
INSTITUTOS RESPONDEM A SEF informa que as intercorrências acontecem nas reformas: “É difícil, ou até impossível, garantir os prazos inicialmente contratados.” A FAU entende que o “medo” de perder o espaço é mais um boato do que realidade; o que ocorre são questões técnicas com a lanchonete, que “não afetam a gestão do Piso”.

A ECA afirma que, antes da reforma, informou à comunidade de que, durante 18 meses, não haveria um espaço de vivência estruturado: “O uso do Quadrado e da Geodésica preocupa do ponto de vista da segurança, pois não possuem a infraestrutura para esse fim”.

A FFLCH afirma que a reforma está na fase de habilitação das empresas e que há reuniões periódicas com os Centros Acadêmicos. O uso dos espaços físicos enquanto durar a reforma será tratado na Comissão de Qualidade, composta paritariamente entre docentes, funcionários e estudantes.

A Poli diz que o Integra foi realizado “sem intercorrências” e que há diálogo e troca de informações entre os Centros Acadêmicos e a Diretoria.

Nova geodésica gera questionamentos da diretoria da ECA



Na ECA, protesto vira arte

Desde o dia 26 de março, o cenário da Escola de Comunicações e Artes (ECA) mudou. Agora, na frente do prédio central, há uma estrutura geodésica de PVC que, montada em cerca de 8 horas, é coberta por lonas coloridas.

Ela é uma referência à estrutura original, de ferro, que fica na Prainha, porém em tamanho reduzido. Durante o dia e a noite, ela se torna um novo ponto de encontro dos alunos da USP.

Protestando pela ausência de um espaço de vivência, o coletivo cultural e alunos externos decidiram montar a geodésica na frente do prédio central da ECA, que abriga a sala da diretoria.

“Isso vai obrigá-los a ver que essa falta de espaço de vivência é um problema. A gente precisa de

um lugar para se encontrar. Procuramos deixar esse embate institucional evidente no dia a dia”, explica Fernando Coelho, aluno de Educação e membro do Canil, coletivo político e cultural da ECA.

Durante sua montagem, a estrutura chamou atenção do corpo administrativo da Escola, que tentou impedi-la e, segundo fonte anônima, chamou a equipe de segurança e a Guarda Universitária para intervir, sem sucesso. A instalação, no final das contas, pavimentou um diálogo: as entidades conseguiram uma reunião com a diretoria no dia seguinte.

Em carta-manifesto publicada no perfil do Instagram do Canil, a geodésica é definida como “um espaço de vivência-

simbólico que representa a autonomia estudantil e suas expressões artísticas”.

Em entrevista ao **Jornal do Campus**, a Diretoria explica que qualquer instalação no espaço da ECA requer uma autorização prévia. Também ressalta as preocupações com a resistência da estrutura de PVC, pensando no enfrentamento de eventos climáticos extremos, como as fortes chuvas que atingem São Paulo.

Outra reclamação é o barulho, que atrapalha as aulas: “Quaisquer problemas decorrentes de instalações ou intervenções não autorizadas recaem sob nossa responsabilidade”. Reconhece, porém, a importância de “iniciativas estudantis” para a vida acadêmica.

▶ MÚSICA

Na USP ou na avenida, eu sou batuqueiro!

Baterias universitárias incentivam ritmistas a desfilarem por escolas de samba no Carnaval de São Paulo

FILIPE MORAES, ISABEL TEIXEIRA
E JÚLIA QUEIROZ [REPORTAGEM]

Sabe aquela batucada que você escuta no caminho pro bandeirão na hora do jantar? Esse é o som dos instrumentos de bateria ecoando pela Praça do Relógio. O batuque ultrapassa os muros da Cidade Universitária: alguns desses alunos ritmistas também desfilam em escolas de samba no Carnaval de São Paulo.

As Baterias Universitárias (BUs) são entidades compostas por alunos e ex-alunos que difundem a cultura do samba na USP. Eles ensinam como tocar instrumentos musicais que fazem parte da estrutura das escolas de samba, como tamborim, chocalho, agogô, repique, caixas, surdos e até mesmo alguns mais inusitados, como xequê e atabaque. Atualmente, existem 20 BUs uspianas na Capital e 15 delas no Butantã.

Mesmo sendo um paralelo quase imediato, BUs e escolas de samba desempenham papéis diferentes no mundo do carnaval. Rafaella de Azevedo, mestra da bateria da escola do Grupo de Acesso II Imperatriz da Paulicéia — e também a primeira mulher nessa posição —, ressalta que, enquanto escolas focam em bossas específicas, as baterias uni-

versitárias têm mais liberdade de criação para as apresentações.

“Os ritmistas universitários tocam por alguns anos e vão embora, enquanto a cultura das escolas faz parte da identidade estrutural de seus componentes locais”. Apesar disso, na bateria liderada por Rafa, 60% dos seus 151 ritmistas fazem ou fizeram parte de BUs. “Eles têm um brilho nos olhos e muita dedicação”.

Mateus Mendes, estudante da FEA, toca repique na bateria do instituto, a S/A. Ele conta que desfilou pela primeira vez no carnaval de São Paulo esse ano, pela Rosas de Ouro. O pé no samba também é quente: em sua primeira vez na avenida, Mateus levou consigo o título de campeão, já que a escola conquistou o primeiro lugar no Grupo Especial.

Já Sérgio Murillo, aluno da FAU e ritmista da bateria Bandida, da EACH, teve o seu primeiro contato com o carnaval ainda jovem. “Foi por conta do meu pai, que acompanhava o Carnaval pela televisão”. No carnaval deste ano, Sérgio desfilou em cinco escolas — Acadêmicos do Tucuruvi, X-9 Paulistana, Unidos de Vila Maria, Colorado do Brás e Imperatriz da Paulicéia. “O samba é uma memória afetiva, tanto pelo meu pai quanto pelo significado das escolas e seus desfiles”.

Vitória Couto
desfilou em 2025
pela Pérola Negra

A experiência de entrar no Sambódromo do Anhembi pela primeira vez como ritmista é incrível

Mateus Mendes, ritmista da S/A



Para outros, o contato com a bateria aconteceu antes mesmo de entrar na faculdade. É o caso de Vitória Couto, estudante do Instituto Oceanográfico, que conheceu a bateria da Poli, a Rateria, ainda no cursinho. Já como uspiana, Vitória se juntou à bateria, onde toca tamborim. “Ele é um instrumento muito difícil e com pouca presença de mulheres. Então estar nesses ambientes também é uma forma de resistência”.

Ela desfilou por cinco escolas em 2025: Rosas de Ouro, Acadêmicos do Tucuruvi, Pérola Negra, Raízes do Samba e Imperador do Ipiranga. Vitória conta que a Ra-

teria teve grande influência no seu desejo de desfilar.

O que para muitos na USP é um barulho quase insuportável, para ela é um refúgio. “Sempre que eu tinha um dia estressante, eu ia pro ensaio e saía renovada”.

Material interativo no JC Online

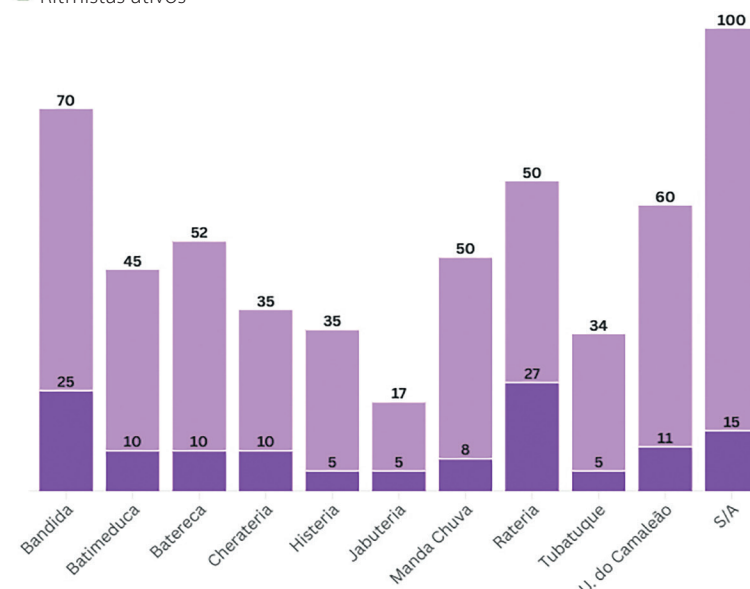


Ritmistas da S/A no desfile da campeã Rosas de Ouro

Ritmistas uspianos nas escolas de samba

BUs com cinco ou mais integrantes que desfilaram no Carnaval de SP 2025

■ Pessoas que desfilaram
■ Ritmistas ativos



▶ AMBIENTE

“Nós podemos ser um exemplo de sustentabilidade”

Superintendente de gestão ambiental diz que o USP Sustentável busca divulgar o tema nos campi

JULIA MARTINS E TATIANA COUTO [TEXTO]

A USP E A COP 30

Em novembro deste ano, a 30ª edição da COP será realizada na cidade de Belém, no Pará. “A COP é uma reunião para firmar novos compromissos e, com a emergência climática aumentando, existe a necessidade de mais ações de mitigação, de mais financiamento e de adaptações para o enfrentamento dessa questão nos países em desenvolvimento”, explica Ana Maria de Oliveira Nusdeo, professora de Direito Ambiental da Faculdade de Direito da USP. A cada ano, a conferência reúne líderes mundiais, cientistas, organizações não-governamentais e representantes da sociedade civil para debaterem ações de combate às mudanças climáticas.

A USP também está inserida no debate internacional, devido à grande produção de trabalhos científicos na área de climatologia. Pesquisadores e professores da Universidade participam do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC). “Esse órgão convoca cientistas do mundo inteiro, com representação do Norte e do Sul Global, para revisarem artigos sobre temas relacionados às mudanças climáticas e produzirem um relatório sobre onde existe consenso científico”.

Desde 1994, a USP desenvolve programas voltados para a educação ambiental, gestão de recursos naturais e descarte de resíduos. Com o objetivo de dar visibilidade a esses projetos e aumentar a adesão de alunos, docentes e funcionários, a Superintendência de Gestão Ambiental lançou o USP Sustentável.

O programa não traz novas iniciativas para aumentar a sustentabilidade no campus; trata-se de um projeto de divulgação do que já é feito pelos institutos, de acordo com Patrícia Iglecias, superintendente de gestão ambiental e coordenadora do Centro de Pesquisa e Inovação em Clima e Sustentabilidade (USPproClima).

Trabalhando em conjunto com a área de comunicação da Universidade, a iniciativa realiza sua divulgação pelo *Jornal da USP*, com matérias jornalísticas e artigos de professores e pesquisadores, identificadas com

O programa, em si, não é de realizações de sustentabilidade, mas sim para mostrar o que está sendo feito nos institutos

Patrícia Iglecias, superintendente de gestão ambiental na USP

o logotipo do programa. O USP Sustentável também conta com um site oficial e um perfil no Instagram. “A ideia [no futuro] é ampliar os meios de divulgação, principalmente em mídias sociais e podcasts”, afirma Iglecias.

Em 2024, a USP ficou na 5ª posição do UI GreenMetric World University Rankings. Criado pela Universidade da Indonésia. O ranking considera fatores como infraestrutura, tratamento de resíduos, reciclagem, manejo da água, educação, pesquisa, entre outros.

“Acho que todas as iniciativas que possam levar a nossa comunidade USP a perceber mais a sustentabilidade são muito positivas. Nós temos, por exemplo, o USP Recicla, que desde os anos 90 introduz a questão do uso das canecas de uso contínuo”, diz Iglecias. “[Além disso], também leva os estudantes a terem uma percepção maior sobre a necessidade de sustentabilidade nas suas práticas diárias e em nossas áreas internas”.

OUTRAS INICIATIVAS

USP RECICLA

Desde 1994, o programa visa a redução do lixo na Universidade. As ações propostas pelo programa envolvem a educação ambiental, o desenvolvimento de tecnologias ambientalmente adequadas e a gestão de resíduos na perspectiva dos 3Rs: reduzir, reutilizar e reciclar.

USP SUSTENTABILIDADE

Desde 2021, o Programa de Práticas Integradas Sustentáveis (USP Sustentabilidade) reúne pesquisadores, funcionários e alunos para a realização de atividades de educação ambiental. A mais conhecida é a horta agroecológica, iniciativa que conta com mutirões semanais. O projeto está localizado no Centro de Práticas Esportivas da USP.

PROCAM

Associado ao Instituto de Energia e Ambiente (IEE-USP), “o Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental vincula as áreas das ciências sociais e ciências ambientais de forma interdisciplinar, fazendo pesquisas que as relacionem”, explica Ana Paula Fracalanza, professora do PROCAM e participante do Grupo de Pesquisa Meio Ambiente e Sociedade do IEA-USP.

Mudinhas em crescimento na horta do CEPEUSP

1: YASMIN TEIXEIRA/JC [FOTO]

GABRIELA CECCHIN/JC [DESIGN]

▶ ZONÓSES

Bandejão atrai saguis e atrapalha pesquisas

FILIPE MORAES E JÚLIO SILVA [REPORTAGEM]

Para atrair animais para uma pesquisa, uma equipe do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) desenvolveu um dispositivo capaz de coletar amostras de saliva de animais silvestres sem a necessidade de captura. A estratégia é liberar um aroma que lembra a comida dos primatas. Porém, os saguis que circulam pelo campus não deram muita bola: eles preferem a comida oferecida por frequentadores dos restaurantes.

O método utiliza o S.W.A.B. (Spontaneous Wildlife Autonomous Biosampler), um dispositivo que atrai os animais por meio de um odor artificial. Ao lambê-lo, eles deixam amostras de saliva, que são coletadas e analisadas para identificar zoonoses — doenças infecciosas transmitidas entre animais e humanos.

“Os animais do bandejão, onde fizemos as coletas, estão muito acostumados a receber comida de humanos, o que faz com que eles não se interessem tanto pelo dispositivo e estejam sempre atentos às pessoas que passam ao redor”, explica Aspen Gonçalves, bolsista PUB do projeto. “Nos últimos anos, tivemos a pandemia de COVID-19, originada no contato humano com animais. O HIV também surgiu, possivelmente, do consumo de carne de primatas, e a raiva é um vírus amplamente disseminado por interação entre humanos e animais”, explica Melissa Fernandes, integrante da pesquisa.

Oferecer pão, biscoitos e outras comidas processadas impacta negativamente a dieta e fisiologia dos saguis. De acordo com Patrícia Izar, professora do Instituto de Psicologia (IP) e vice-presidente para Educação da Sociedade Internacional de Primatologia, essa interação com os animais apresenta também um grave risco de disseminação de doenças. O vírus do herpes comum, por exemplo, é muito corriqueiro em humanos e causa apenas feridas leves. Contudo, quando um humano infectado tem contato com um sagui, o vírus pode causar feridas internas graves e levar os animais a óbito.

INTERAÇÃO COM OS SAGUIS

A professora Maristela Camargo, do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB), afirma que o hábito de alimentar os saguis no câmpus atrapalha as amostragens que seus alunos precisam realizar nas pesquisas. Por diversas vezes

os pesquisadores estiveram presencialmente nos restaurantes tentando alertar funcionários e alunos sobre os malefícios dessa prática. “Para realizar as amostragens, nós utilizamos, por exemplo, um leve aroma de banana para atrair os animais. Mas eles acabam nem aparecendo, porque ao invés de ficar apenas sentindo o cheiro preferem ir nos restaurantes comer a banana que oferecem”, conta.

No convívio natural, os saguis passam grande parte de seu tempo coletando e se alimentando de frutos, seiva de árvores e pequenos insetos. Uma vez que não precisam mais caçar, os primatas passam a se reproduzir em maior número e gerar um aumento na população. Além disso, a falta de atividade predatória dos saguis provoca um aumento na proliferação dos insetos que seriam suas presas e, por fim, agravam os processos de desequilíbrio da cadeia alimentar nos ecossistemas ao redor da Universidade.

AFETO PREJUDICIAL

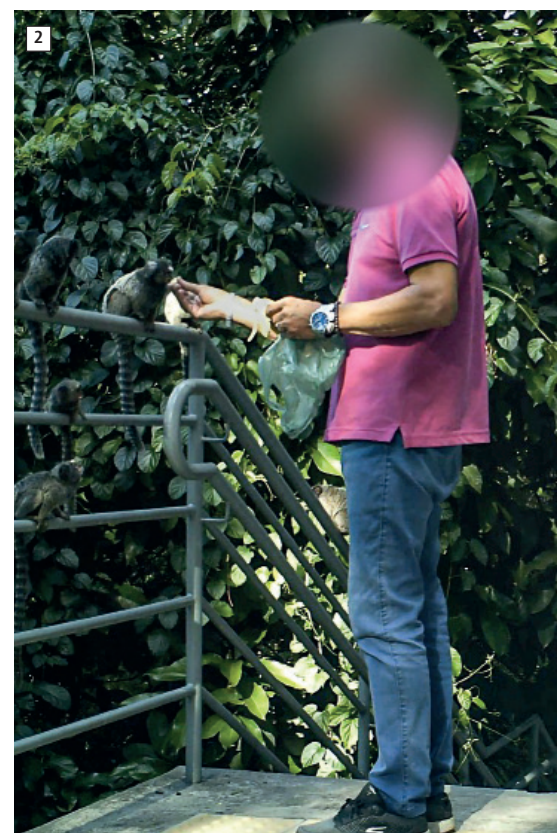
Sérgio Lima, 49, é aluno do Instituto de Geociências (IGC) e relatou ao JC que frequentemente observa alunos interagindo e dando frutas aos saguis nas saídas dos restaurantes universitários, principalmente no Bandejão Central. Apesar de nunca ter tido a prática de alimentar os animais, ele afirma que desconhecia os prejuízos que esse hábito causa. “Eu sempre vejo as pessoas dando mamão, banana e maçã para os saguis. Não imaginei que fazia mal a eles, porque sempre pensei que esses animais gostassem muito de frutas”, diz.

Conforme Patrícia Izar, as pessoas que costumam alimentar os saguis o fazem pelo afeto aos animais e por acharem que estão ajudando. O resultado, no entanto, é exatamente o oposto, já que muitas das frutas servidas nos restaurantes não fazem parte da dieta dos primatas e podem causar um aumento calórico em seus organismos, além de outras alterações metabólicas.

Segundo a docente, ao se deparar com um sagui próximo aos restaurantes, o ideal é não oferecer comida. A atitude mais correta é espantá-lo com palmas e gritos, mas nunca usar violência. “A coexistência entre humanos e animais silvestres não significa viver juntos ou interagir constantemente, mas respeitar o espaço onde vive cada espécie”, afirma.



Os saguis já se adaptaram aos horários do bandejão (a imagem 1 mostra animal em frente ao Central), e não é incomum flagrar pessoas que oferecem comida, assim como a aluna capturou na imagem 2



Coexistir não significa viver junto, mas respeitar o espaço e o ecossistema da outra espécie

Patrícia Izar, professora do IP

▶ ATENDIMENTO MÉDICO

Socorro precário em casos de lesões no CEPEUSP preocupa atletas

Local enfrenta problemas de infraestrutura e falta de atendimento de urgência para frequentadores do espaço

FELIPE BUENO, DIEGO COPPIO

E GUILHERME RIBEIRO [REPORTAGEM]

Todo ano a história se repete: o Bichusp é um campeonato esportivo em que os calouros representam seus institutos em doze modalidades. Organizado pela LAAUSP (Liga Atlética Acadêmica da Universidade de São Paulo) as competições ocorrem no Cepeusp (Centro de Práticas Esportivas da USP). O tradicional evento de início de ano, no entanto, é refém de um problema rotineiro: a falta de atendimento em casos de urgência no CEPE.

Em 2023, Felipe Tammaro, aluno do curso de Turismo da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA-USP), sofreu uma luxação em seu braço esquerdo durante um jogo de futebol de campo na competição. O estudante, que não conseguia se mover, conta que ficou cerca de 15 minutos deitado no gramado até a ambulância chegar ao local para levá-lo ao hospital. Durante a espera, alunos da Fisioterapia que acompanhavam o campeonato fizeram o primeiro atendimento, mas, de acordo com Tammaro, não realizaram nenhum procedimento.

“Nesse meio tempo, começou a chover. Eu fiquei deitado

no gramado, esticado, debaixo de chuva”, afirma o aluno.

Ana Aires, Secretária da LAAUSP, afirma que a Liga divide a responsabilidade dos primeiros socorros no Bichusp com o CEPE. A LAAUSP realiza o aluguel da ambulância para as modalidades de campo, enquanto as praticadas nas quadras contam com o auxílio da Fisioterapia Pró-Seleção (Pró-S), projeto de extensão da Faculdade de Medicina da USP.

Entretanto, a assistência foca em casos leves, como torções e luxações. Para lesões graves, a entidade discente apela para a fé: “A gente reza para não dar problema na maioria das vezes. Se a gente não tem ambulância, o CEPE também não oferece muito. Se acontece alguma coisa, a gente mesmo acaba levando para o HU ou oferecendo remédio”.

Aires admite que a segurança na prática esportiva não é um tema muito discutido com a diretoria do CEPEUSP. “Nós vivemos em uma linha tênue com a diretoria do CEPE. Você não pode ser ríspido ou cobrar demais porque talvez piore a relação. Nós cobramos melhorias nas quadras, principalmente, mas ter um ponto de atendimento ou uma ambulância para socorrer não é um assunto que discutimos.”



Cadeira de rodas oferecida pelo Cepeusp tem forro rasgado

“A gente reza para não dar problema na maioria das vezes”

Ana Aires, secretária da LAAUSP



Buraco da quadra externa é um obstáculo para quem pratica esportes no local

CEPEUSP RESPONDE

Questionado pelo JC, José Carlos Simon Farah, diretor do CEPEUSP, respondeu por e-mail que, em caso de alguma ocorrência, deve-se procurar a portaria principal, onde há equipamentos para auxiliar o atendimento, como desfibrilador e cadeira de rodas. Segundo Farah, “a portaria aciona a Guarda Universitária, que em caso de lesões leves, levam para o Hospital Universitário. Se é grave, acionamos o SAMU”. Em outra mensagem, o CEPE pontua que não chegou ao conhecimento da direção nenhum questionamento sobre lesões.

O diretor explica que o local não possui nenhum funcionário da área da saúde para auxiliar. Há apenas professores com conhecimento básico em primeiros socorros e salva-vidas que intervêm quando necessário.

PROBLEMAS ANTIGOS

A falta de estrutura para atendimentos de urgência no CEPE é a linha de chegada para um problema que muitas vezes está na largada. As condições das quadras poliesportivas são um fator de atenção constante para quem frequenta o espaço de práticas esportivas.

A reportagem do JC de setembro de 2024 entrevistou a diretoria do CEPEUSP, que informou que a reforma das quadras estava prevista para este ano. Até a publicação desta matéria, não há indícios de reformas no chão das quadras, que seguem esburacadas.

Também por e-mail, o diretor Farah se posicionou novamente sobre o caso: “Atualmente, o CEPEUSP está realizando obras de manutenção e reparo, e temos um planejamento de obras que é compartilhado com a Reitoria”.

▶ CARREIRA ESPORTIVA

Do campus ao campo

Graduandos e profissionais formados contam como o esporte os motivou para sua escolha profissional



GUILHERME RIBEIRO, JULIA TEIXEIRA E GIOVANNA BERGAMASCHI [REPORTAGEM]

Uma graduanda em direito, uma estudante de jornalismo, um jornalista formado e uma psicóloga têm algo em comum. Todos esses diferentes profissionais têm o esporte como norteador de suas carreiras, mesmo longe das quadras, tatames e pódios. Trabalhar com o esporte pode estar muito distante de apenas sonhar em ser um atleta. Essa é a realidade de diversos estudantes, que entram na faculdade almejando construir carreiras dentro do universo esportivo.

É o caso de Laura Martins Vulcani, estudante de Direito de 19 anos. Ela conta que o esporte mudou a sua vida, e a direcionou em qual caminho seguir profissionalmente: “O esporte veio na minha vida para ressignificar muita coisa e me dar um norte com o que seguir no mercado de trabalho. Mas acredito que ele, também, é uma ferramenta para promover o bem-estar social, tanto para quem pratica, quanto para quem assiste.” A jovem relata que foi na Faculdade de Direito da USP que conheceu o Direito Desportivo — área que regulamenta legalmente as práticas esportivas — e que gostaria de seguir no ramo.

O ingresso no curso desejado, entretanto, nem sempre significa que o objetivo da carreira seguirá o mesmo, ou que a faculdade vai direcionar o aluno para atuar na sonhada área esportiva. No caso de Miriã Gama, foi o contrário. A estudante de 20 anos está no

quinto semestre do curso de jornalismo na Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP e diz que escolheu o ramo por ser uma profissão em que poderia se conectar à sua grande paixão: o futebol.

“O que mudou desde que entrei no curso foi que eu descobri como é o jornalismo esportivo por trás das câmeras. Não é tão inclusivo, nem tão acessível. As poucas vagas que aparecem, têm períodos noturnos, plantões de final de semana, coisas que não se adequam à minha realidade”, explica Miriã. Mesmo se vendo distanciada, a estudante afirma: “O esporte mobiliza pessoas e transforma realidades, e isso é algo que eu admiro muito. Por isso, trabalhar com o esporte seria um sonho, mesmo que agora seja um sonho mais distante”.

DEPOIS DO CURSO Henrique Votto, jornalista formado pela ECA-USP, compartilha do mesmo sentimento de Miriã. Ele conta que hoje o mercado esportivo dentro do jornalismo é mais amplo, mas que em sua época as coisas eram mais difíceis.

Dinho, como é chamado por seus amigos de faculdade, teve uma breve experiência com produção de conteúdo esportivo em seu trabalho e relata que após isso teve uma nova percepção sobre o mercado: “Eu gostei muito de ter essa experiência com esporte. Mas uma coisa que eu fui percebendo ao longo da graduação e do período de trabalho foi que aquela máxima que diz ‘trabalhe com o que você gosta e você nunca vai trabalhar de

verdade’ é uma grande mentira, porque você acaba se estressando com aquilo que você gosta”.

“Trabalhar com uma coisa que você gosta é realmente bom, mas pode ser que você perca a única coisa com o que você é realmente apaixonado, é uma faca de dois gumes. Observando alguns colegas que trabalham com esporte, eu percebi que talvez eu não tenha tanta vontade de ter essa vida”, afirma Henrique.

Mesmo que as circunstâncias da vida e suas escolhas tenham sido diferentes do que ele planejava no início, quando começou a estudar jornalismo, ele afirma que as coisas sempre podem mudar: “Mas tudo é meio incerto. Pode ser que amanhã surja uma oportunidade de trabalhar com esporte e eu queira”.

Anna Clara Mialaret, psicóloga de 24 anos formada pelo Instituto de Psicologia (IP) da USP, descreve que estava em dúvida entre a psicologia e a educação física, mas fez a escolha após tomar conhecimento do ramo da Psicologia do Esporte, área na qual é pós-graduanda atualmente.

Mialaret relata que o esporte sempre foi especial em sua vida, e que a entrada na graduação ampliou o seu leque de opções de carreira. “Na faculdade, eu tive a oportunidade de conhecer sobre as possibilidades de atuação de um psicólogo do esporte. Isso fez com que eu vislumbrasse possibilidades desconhecidas até então. Sempre quis atuar no esporte de alto rendimento, e hoje também penso em outros ambientes como projetos sociais.”

MOTIVOS DA ESCOLHA O JC entrevistou profissionais da área da psicologia para entender melhor porque o esporte pode se tornar tão importante na vida de alguém a ponto de influenciar nas escolhas de profissões.

“As escolhas de carreira são construídas ao longo da vida, embora tendam a ser efetivadas no final da adolescência. Assim, ter boas experiências prévias em atividades esportivas certamente são importantes para a escolha”, explica Rodolfo Ambiel, doutor em psicologia e especialista em orientação de carreira.

Ele completa dizendo: “É importante também entender que, quando falamos sobre trabalhar com esporte, não necessariamente está relacionado com ser atleta. Cada vez mais há formações para trabalhar em equipes técnicas, de gestão e até de análise de dados voltados para o esporte. A indústria do esporte é bastante grande e vai bem além dos atletas”.

Tayná Almeida é psicóloga formada e psicopedagoga em um cursinho pré-vestibular do ABC Paulista. Ela explica que o que difere o esporte de outros hobbies é o sentimento de realização através de vitórias: “Mas não só as vitórias de ganhar um título. Tem a ver com pequenas vitórias, ou quando você ganha um jogo e você vê todo aquele trabalho sendo realizado, e isso é muito gostoso. Tem a ver com perceber como o esporte transforma vidas. e como a gente quer também transformar vidas, só que por outros meios”.

17 de março, 5 anos depois



SOPHIA VIEIRA [TEXTO]
PEDRO MALTA [ARTE]

Saindo da estação Butantã do metrô, não foi preciso andar muito para chegar ao final da fila do circular – seu tamanho a fazia se estender até a entrada da estação. Ao encarar a quantidade de pessoas na minha frente, já imaginava que essa seria mais uma das manhãs em que uma viagem do metrô até a Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia levaria pelo menos 1 hora. Verifiquei o celular mais uma vez para ter certeza do horário, mas o que prendeu os meus olhos foi a data marcada na tela: 17 de março de 2025.

Com um calafrio percorrendo o corpo, as lembranças de 5 anos atrás invadiram a memória imediatamente. No dia 17 de março de 2020, a notícia da suspensão das aulas presenciais na USP, em decorrência do coronavírus, chegou. Na época, não demorou muito para a Universidade se esvaziar e a rotina de todos se tornar o que achávamos que seria um curto período em casa. Mas não foi.

— E aí, Rafa! Tudo bem? — fui retirado dos pensamentos por uma voz alta e animada, que vinha acompanhada de um sorriso simpático e se colocou logo atrás de mim na fila.

Ali se encontrava Letícia, uma menina alta, com cachos volumosos que emolduravam seu rosto. Hoje, seus olhos eram marcados por um pequeno e quadrado par de óculos, que lhe davam um ar de maturidade muito diferente do dia que a conheci, há 7 anos. A cumprimentei de volta com um abraço.

— Oi, Lê! Indo pra Cidade Universitária essas horas?

— Sim, agora eu faço mestrado aqui na USP. É na San-Fran, mas algumas disciplinas eu peguei na FFLCH (Faculdade

de Filosofia Letras e Ciências Humanas). E você? Como anda a Veterinária? — A pergunta veio durante nossa caminhada a um ponto mais próximo da entrada do ônibus na fila. Uma leva de estudantes lotou um ônibus, que logo partiu rumo à USP. Não conseguimos embarcar.

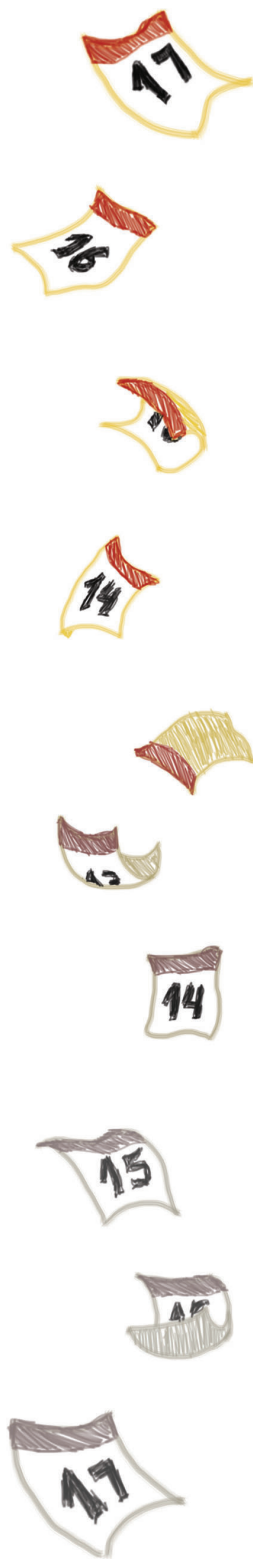
Normalmente aquela poderia ser uma pergunta básica, parte de uma conversa simples em um ponto de ônibus. Mas, naquele dia 17, me levou de volta às reflexões sobre 5 anos atrás. Há 20 anos, faço parte do que chamamos de “comunidade USP”. Desses, os últimos 12 anos têm sido como funcionário da biblioteca da FMVZ.

— Olha, o lugar onde eu trabalho em especial, assim como nos últimos anos, está bem tranquilo. — o comentário tentava trazer um bom humor a uma situação preocupante: o esvaziamento de alguns espaços da universidade.

Entre todos os impactos que a pandemia teve na sociedade, esse era um dos mais evidentes no cotidiano: a mudança nas formas de socialização. A biblioteca, que outrora fora um espaço de convivência e estudos em grupo, havia se tornado um ponto para reuniões online. Se em tempos passados todos os dias eu buscava, enviava e reservava artigos acadêmicos para estudantes utilizarem em suas pesquisas, hoje os pedidos são raros, e trazem inclusive um sentimento de felicidade quando acontecem.

— A galera não se adaptou muito bem a essas estruturas do ensino presencial depois que a gente voltou, né? Esquisito...

— Elas se adaptaram aos formatos digitais, e a cultura de buscar mídias físicas, ou de fazer reuniões presenciais, foi diminuindo. A galera aprendeu a achar material acadêmico na in-



* O texto utiliza a ambientação ficcional no transporte público para ilustrar uma conversa real mediada pela repórter.

ternet com mais facilidade também, o que me preocupa um pouco. Às vezes, o Google não oferece os artigos mais confiáveis... — essa era uma questão que tomava parte dos meus momentos de reflexão no trabalho. Mas, naquele momento, a ideia fixa perdia espaço para uma aflição mais imediata: se conseguiria entrar no circular que estava chegando ao ponto.

— Nossa, eu nunca tinha pensado nisso, deve comprometer a qualidade dos estudos de alguma forma, né? Mas essa questão das pessoas se encontrarem menos e irem a menos atividades presenciais me deixa bem pensativa. Acho que também tem a ver com a mudança do perfil de quem está aqui.

Letícia fez parte da primeira turma com cotas raciais a entrar na USP, em 2018. Se formou na Faculdade de Direito, e desde sua chegada ela parece virar do avesso cada lugar por onde passa. No seu segundo ano de estudos, se tornou a primeira mulher negra a presidir o Centro Acadêmico XI de Agosto, uma entidade estudantil pela qual passaram nomes como Michel Temer ou Jânio Quadros. Fez parte de mobilizações pela reforma da Casa do Estudante, pelo aumento dos auxílios estudantis e hoje, pelas redes sociais, busca incentivar a juventude periférica a se politizar e a entrar na universidade.

— Se o auxílio não dá pra muita coisa, e a galera precisa trabalhar o dia inteiro e estudar cansado a noite, fica difícil aproveitar a universidade... — sua voz era baixa enquanto comentava a grande questão que perturba entidades, sindicatos e até a própria administração da USP: como voltar a reunir as pessoas? Um suspiro pesado acompanhou nossa entrada no circular, e a atração principal

de todas as manhãs: os calouros atrapalhados que nunca andaram de ônibus.

— Realmente, parece que a demarcação temporal da pandemia também demarca uma maior diversificação da universidade. Quando eu estudei na FEA (Faculdade de Economia e Administração), em 2012, só tinha 2 estudantes da escola pública além de mim na minha turma. Acompanhei a luta por cotas raciais já como funcionário, em 2016, e hoje a diferença é grande mesmo.

— Apesar dessa galera que nunca andou de ônibus, a USP está menos branca, menos elitizada depois desses anos... Vejo mais gente preta agora, quando venho pras aulas do mestrado.

Demorou um pouco, mas conseguimos nos espremer no corredor do circular.

— O clima mudou entre os funcionários também... todo mundo voltou um pouco mais triste, mais distante... todo mundo perdeu alguém importante na pandemia, alguns faleceram também. O corpo de funcionários tinha muitas pessoas mais velhas, estávamos há um tempo sem concursos, então grande parte estava no grupo de risco. E a gente viu parte dos nossos colegas de trabalho sendo linha de frente, principalmente os funcionários do Hospital Universitário. No instituto de veterinária também, o laboratório foi utilizado para fazer testes de Covid.

Meu pensamento foi concluído com a Letícia levando uma mochilada, alguém ainda não havia adquirido a etiqueta do transporte público. Ela revirou os olhos e encarou o menino de fones descendo sem ao menos pedir desculpas.

— É verdade, amigo. Parece que faz tempo, mas acho que a gente ainda está lidando com esse trauma...